

**Vulnerabilidade Financeira e Sofrimento Psicológico: Análise da correlação entre os fatores financeiros, ansiedade e depressão durante a Pandemia de COVID-19**

**AHMED SAMEER EL KHATIB**

CENTRO UNIVERSITÁRIO ÁLVARES PENTEADO (FECAP)

## **Vulnerabilidade Financeira e Sofrimento Psicológico: Análise da correlação entre os fatores financeiros, ansiedade e depressão durante a Pandemia de COVID-19**

### **1 INTRODUÇÃO**

A pandemia de COVID-19 teve um impacto significativo em quase todas as áreas da vida das pessoas. Além da ameaça que representou para a saúde física e a vida das pessoas, foi e tem sido associada a uma série de outras consequências. Em resposta à ameaça crescente para a saúde, os governos introduziram inúmeras medidas, como o distanciamento social, o fechamento de fronteiras, a proibição de reuniões presenciais, o fechamento de indústrias selecionadas e a obrigatoriedade de aprendizagem e trabalho à distância. Além disso, as circunstâncias que rodearam a pandemia afetaram direta e indiretamente a saúde mental das pessoas.

Foi demonstrado na literatura precedente que a pandemia aumentou o sofrimento e transtorno psicológicos (Cénat; Blais-Rochette; Kokou-Kpolou; Noorishad; Mukunzi; McIntee; Dalexis; Goulet & Labellem, 2021; Lieberoth; Lin; Stöckli; Han; Kowal; Gelpi; & Rasmussen, 2021) que é comumente definido como um estado de sofrimento emocional caracterizado por sintomas de depressão e ansiedade (Mirowsky & Rossm, 2003). O modelo de estresse-angústia postula que o estresse psicológico ocorre quando um evento estressante ameaça a saúde física ou mental de uma pessoa e ela é incapaz de lidar com o estressor de forma eficaz, sendo o desconforto emocional o resultado desse enfrentamento ineficaz (Horwitz, 2007). A pandemia de COVID-19 foi um desses eventos estressantes. Uma meta-análise conduzida por Cénat et al. (2021) mostraram que a depressão era três vezes mais prevalente durante a pandemia (ocorrendo em 15,97% das pessoas) do que era antes da pandemia (4,4% das pessoas) e a prevalência de ansiedade era quatro vezes maior (15,15% em comparação para 3,6%). Dadas estas observações, para compreender os efeitos da pandemia no estresse psicológico, é importante determinar os fatores que podem proporcionar proteção ou constituir uma ameaça no que diz respeito à susceptibilidade das pessoas a experimentar sintomas de depressão e ansiedade.

Durante a pandemia, muitos fatores diferentes podem ter influenciado simultaneamente o sofrimento psicológico. Pesquisas anteriores mostraram que um risco maior de infecção (por exemplo, o número de casos suspeitos/confirmados de COVID-19 em uma localização geográfica) e um risco aumentado de desenvolver uma infecção grave (ter uma condição física pré-existente ou pior estado geral de saúde) são preditivos de maior gravidade de estresse psicológico (Wang; Kala & Jafar, 2020). A experiência com a COVID-19 também é um importante fator de risco para esse tipo de estresse, e um estudo de Cai et al. (2020) mostrou que a gravidade do estresse psicológico é particularmente elevada em pessoas que desenvolveram a COVID-19.

Além disso, outras pesquisas identificaram os papéis importantes das variáveis sociodemográficas, como sexo, idade, local de residência e nível educacional, na explicação da tendência das pessoas a apresentar sintomas de depressão e ansiedade (Wang; Kala & Jafar, 2020; Ahmed; Ahmed; Aibao; Hanbin; Siyu & Ahmad, 2020; Solomou, I.; Constantinidou, 2020). Estudos precedentes indicaram que as mulheres têm tido um risco aumentado de desenvolver sintomas psicopatológicos durante a pandemia (Lei; Huang; Zhang; Yang; Yang & Xu, 2020). e que isto pode estar relacionado com o fato de terem maior probabilidade do que os homens de trabalhar em cargos com alto risco de *SARS-CoV-2* (o vírus que causa a COVID-19), por exemplo, enfermeiros, balconistas, professores de jardim de infância, esteticistas e cabeleireiros. Trabalhos anteriores também mostraram que ter uma idade mais avançada protegeu contra o

sofrimento psicológico durante a pandemia (Olagoke; Olagoke & Hughes, 2020), e é provável que a perda de um emprego e/ou a incerteza resultante das restrições introduzidas possam ter sido particularmente estressantes para pessoas com menos de 40 anos de idade. idade devido à maior probabilidade de serem cuidadores de crianças ou de familiares mais velhos. Além disso, os adultos emergentes (18-29 anos) podem ter estado particularmente em risco de estresse, porque o distanciamento social obrigatório, o isolamento de pessoas fora do seu agregado familiar e as restrições à circulação e viagens provavelmente terão interferido na sua necessidade de construir a sua autonomia. e manter amizades e relacionamentos amorosos (Gambin et al., 2020).

O local de residência é outro fator sociodemográfico que tem sido associado ao estresse durante a pandemia, a pesquisa indica que as pessoas que vivem em áreas rurais correm maior risco de estresse em comparação com aquelas que vivem em áreas urbanas (Wang; Kala & Jafar, 2020) isso pode ser devido à infraestrutura médica, econômica e educacional inferior nas áreas rurais (Cao et al., 2020). Outro fator que pode estar indiretamente relacionado com a maior incidência de estresse psicológico em pessoas que vivem em áreas rurais é o nível socioeconômico, incluindo níveis mais baixos de educação; a meta-análise de Wang et al. (2020) mostraram que pessoas com menos escolaridade provavelmente correram o risco de desenvolver sintomas de depressão e ansiedade durante a pandemia.

Conforme mostrado acima, tanto as variáveis relacionadas à saúde da COVID-19 (número de casos suspeitos/confirmados de COVID-19 e risco aumentado de desenvolver COVID-19 grave) quanto as variáveis sociodemográficas foram extensivamente investigadas como preditores de sofrimento psicológico durante a pandemia. No entanto, apesar do fato de as restrições introduzidas pelos governos durante a pandemia terem tido consequências financeiras negativas significativas para muitas pessoas, e da probabilidade de que isto tenha sido a causa do aumento do sofrimento psicológico nessas pessoas, tem havido falta de investigação que identifique até que ponto várias variáveis financeiras podem aumentar as variáveis sociodemográficas e relacionadas com ameaças à saúde na explicação do sofrimento psicológico que ocorreu durante a pandemia. O presente estudo teve como objetivo preencher essa lacuna. Tal como noutros países, foram observados níveis elevados de sintomas de ansiedade e depressão no Brasil (onde o nosso estudo foi realizado) durante a pandemia (Gambin et al., 2020) Dadas os potenciais consequências a longo prazo do sofrimento psicológico temporariamente elevado, é importante determinar outros fatores além das variáveis relacionadas com a saúde da COVID-19 e variáveis sociodemográficas comumente estudadas que podem ter contribuído ou sido protetoras contra a ansiedade e a depressão.

## **2 PLATAFORMA TEÓRICA**

### **2.1 Variáveis Financeiras e Sofrimento Psicológico**

A pandemia de coronavírus aumentou os sintomas de ansiedade e depressão entre pessoas em todo o mundo. Isto pode dever-se, em parte, aos efeitos que as restrições impostas pelo governo tiveram nas economias e na força de trabalho dos países (por exemplo, o rendimento das pessoas e a segurança no emprego). Vários estudos precedentes demonstraram que vários fatores financeiros podem estar associados ao sofrimento psicológico (Dijkstra-Kersten et al., 2015; Lorant et al, 2007; Orpana; Lemyre & Gravel, 2009) e que a saúde mental das pessoas pode estar associada tanto à sua situação financeira objetiva (Bridges & Disney, 2010; Fitch et al., 2011; Wildman, 2003) e suas percepções subjetivas de suas situações financeiras (Ferrie; Shipley; Stansfeld; Smith; Marmot & Study, 2003). Além disso, estudos mostraram que problemas psicológicos a angústia pode estar associada a disposições financeiras individuais, como

materialismo, otimismo econômico e propensão a assumir riscos financeiros (Maner & Schmidt, 2006).

## **2.2 Situações financeiras objetivas e sofrimento psicológico**

O efeito que a situação financeira objetiva de um agregado familiar pode ter sobre o risco de os seus membros experimentarem ansiedade e depressão está bem documentado na literatura precedente (Kessler, 1982; Link; Lennon & Dohrenwend, 1993). Por exemplo, Orpana et al. (2009) demonstraram que uma renda mais baixa está associada a um risco maior de sofrer sofrimento psicológico. Além disso, usando dados do *British Household Panel Survey*, Wildman (2003) descobriu que a situação financeira de uma pessoa e as mudanças na sua situação estão associadas à depressão e, inversamente, uma investigação realizada na Suécia mostrou que um rendimento familiar elevado pode proteger contra sintomas de depressão. depressão (Kosidou et al., 2011). Além disso, Gambin et al. (2021) mostraram que, durante a pandemia de COVID-19, a continuidade dos rendimentos e da situação financeira dos brasileiros teve um efeito significativo na experiência de sintomas de ansiedade e depressão.

Além do rendimento familiar, o nível objetivo de endividamento de uma pessoa também demonstrou estar relacionado com a sua saúde mental. Brown, Taylor e Wheatley Price (2005) observaram que a dívida está associada a níveis aumentados de sofrimento psicológico e que o bem-estar psicológico de uma família é afetado negativamente por grandes montantes de dívida não garantida (mas não por dívida garantida, como a hipoteca de uma casa). Além disso, existe uma relação positiva entre o montante da dívida e a experiência de problemas de saúde mental (Fitch et al., 2011). Skapinakis et al. (2006) e Jenkins et al. (2008) mostraram que dívidas excessivas e problemas para pagá-las aumentam a probabilidade de uma pessoa ficar deprimida. Finalmente, Drentea (2000) mostrou que a ansiedade aumenta à medida que aumenta a relação entre a dívida do cartão de crédito e a renda.

Ao mesmo tempo, os investigadores sublinharam que a poupança pode funcionar como uma espécie de amortecedor contra o sofrimento psicológico. Por exemplo, Brown, Taylor e Wheatley Price (2005) mostraram que as pessoas que poupam (ou cujas famílias poupam) regularmente têm maior probabilidade de reportar um bem-estar psicológico completo do que os não poupadores. Além disso, Bridges e Disney (2010) observaram que o número de contas de poupança que uma pessoa tinha (que estava associado a ter maiores poupanças) estava indiretamente associado a uma menor incidência de sintomas de depressão autorrelatados. Além disso, Gardner e Oswald (2007) descobriram que “choques” positivos (ganhos de lotaria de tamanho médio) para o bem-estar financeiro de uma família tendiam a estar associados a melhorias no bem-estar psicológico.

## **2.2 Situações financeiras subjetivas e sofrimento psicológico**

Bridges e Disney (2010) observaram que os indicadores objetivos da situação financeira de uma família não são suficientes para compreender o impacto dos fatores econômicos no sofrimento psicológico. Estes autores descobriram que relações positivas entre sintomas de depressão e problemas autorrelatados de endividamento e stress financeiro surgem independentemente de indicadores objetivos da situação financeira de um agregado familiar. Assim, ao investigar as fontes econômicas de sofrimento psicológico, deve-se prestar atenção não apenas aos fatores financeiros objetivos, mas também à forma como os indivíduos percebem a sua situação financeira. Na verdade, pesquisas realizadas há quarenta anos mostraram que as percepções de dificuldades econômicas na aquisição das necessidades da vida predisõem as pessoas à depressão (Pearlin & Johnson, 1977), e pesquisas mais recentes de Dijkstra-Kersten et al. (2015)

mostraram que a tensão financeira está associada a um transtorno depressivo e/ou de ansiedade, além dos efeitos da renda.

O'Neill et al. (2005) observaram que as pessoas ficam mais felizes quando estão financeiramente seguras, e Ferrie et al. (2003) mostraram que as diferenças na insegurança financeira autorreferida são determinantes importantes das diferenças na incidência de depressão. A pandemia da COVID-19 fez com que muitas pessoas se preocupassem mais com a sua segurança financeira e experimentassem maiores preocupações financeiras, e a investigação de Wilson et al. (2020) mostraram que, entre as pessoas que dizem que a pandemia representa uma ameaça significativa às suas finanças pessoais (por exemplo, aquelas que esperam que a sua situação financeira piore nos próximos 12 meses), 57% das pessoas relataram experimentar níveis moderados e elevados de problemas psicológicos. sofrimento, incluindo sintomas de depressão e ansiedade. Além disso, deve-se notar que, embora a sensação de segurança financeira e as preocupações financeiras estejam em grande parte relacionadas à segurança no emprego, a percepção da insegurança no trabalho é uma experiência estressante em si e está relacionada a maiores sintomas de depressão e ansiedade, como demonstrado por Wilson et al. (2020).

#### **2.4 Disposições financeiras individuais e sofrimento psicológico**

Os estudos descritos acima mostram que o sofrimento psicológico pode depender tanto da situação financeira objetiva de uma pessoa como de como ela percebe a sua situação financeira. No entanto, muitos estudos anteriores mostraram que a saúde mental de um indivíduo está relacionada não apenas com a sua situação financeira (seja objetiva ou subjetiva), mas também com as suas disposições financeiras individuais: as suas características psicológicas no que diz respeito às questões financeiras (Gutter & Copur, 2011). Exemplos destes incluem o materialismo, o otimismo econômico e a tendência para assumir riscos financeiros. Provavelmente, a disposição financeira mais frequentemente analisada no contexto do bem-estar e sofrimento psicológico é o materialismo, sendo este definido como a importância que uma pessoa atribui às posses e à sua aquisição como uma forma de conduta necessária ou desejável para alcançar os estados finais desejados, incluindo felicidade (Gardner & Oswald, 2007). O materialismo tem sido associado a problemas de saúde mental, particularmente depressão e ansiedade (Pearlin et al., 1977; Richins & Dawson, 1992) e uma meta-análise de várias centenas de estudos de Dittmar et al. (2014) mostraram relações negativas claras entre uma ampla gama de tipos de bem-estar pessoal (incluindo depressão e ansiedade) e os valores materialistas das pessoas.

Além do materialismo, uma segunda disposição financeira associada ao sofrimento psicológico é o otimismo econômico. Os otimistas veem aspectos positivos das situações e eventos atuais e acreditam que as coisas também serão positivas no futuro. Um estudo recente sobre o otimismo econômico das pessoas (muitas vezes referido como confiança do consumidor ou sentimento do consumidor) realizado por van Giesen e Pieters (2019) mostrou recentemente que quanto mais otimistas as pessoas são em relação às questões econômicas, menos stress pessoal elas experimentam, isto aplicando-se independentemente de as questões econômicas envolvidas são a nível global, nacional ou pessoal. Além disso, a pesquisa de Kahle et al. (2003) mostrou que o otimismo econômico está negativamente associado à depressão.

Outra disposição financeira que pode estar relacionada ao sofrimento psicológico é a propensão para assumir riscos financeiros. Aqui, estudos precedentes mostraram que evitar riscos está associado a alta ansiedade (Wildman, 2003; Maner & Schmidt, 2006). Nestes estudos, e noutros estudos sobre emoções e assunção de riscos (Dittmar et al.,

2014; Van Giesen & Pieters, 2019), os investigadores assumiram que emoções como a ansiedade desencadeiam comportamentos avessos ao risco. No entanto, dado que a propensão para assumir riscos está fortemente enraizada na personalidade (Bendau et al., 2021) e é um traço individual relativamente constante, a relação entre a propensão para assumir riscos financeiros e variáveis emocionais é provavelmente bidirecional. Tal suposição é consistente com os resultados de Gutter e Copur (2011), que mostraram que a relutância em assumir quaisquer riscos financeiros está negativamente relacionada com o bem-estar financeiro (que provavelmente estará relacionado com o bem-estar geral). Além disso, neste estudo, as pessoas caracterizadas por uma disposição superior à média para assumir riscos financeiros relataram níveis mais elevados de bem-estar financeiro. Isto sugere que uma maior propensão para assumir riscos financeiros pode traduzir-se em níveis mais baixos de sofrimento psicológico.

Em resumo, todos os estudos acima sobre o papel das variáveis econômicas na geração de sofrimento psicológico fornecem evidências de que os fatores financeiros podem ser importantes para explicar o estresse psicológico durante a pandemia de COVID-19 e que vale a pena considerar tais fatores na procura de fatores que possam ter um impacto negativo. função protetora ou representar uma ameaça no que diz respeito à suscetibilidade das pessoas a experimentar sintomas de depressão e ansiedade. Devido à deterioração da situação econômica, pode presumir-se que os efeitos financeiros da pandemia afetarão cada vez mais pessoas ao longo do tempo e serão uma das fontes mais importantes de estresse no futuro a curto e médio prazo.

## **2.5 Objetivos da pesquisa**

Durante a pandemia da COVID-19, as mudanças financeiras, tanto à escala global como nacional, afetaram as finanças pessoais de muitas pessoas, e é provável que isto tenha feito com que as pessoas apresentassem sintomas de ansiedade e depressão. Portanto, um dos principais objetivos do presente estudo foi explorar se as variáveis financeiras poderiam explicar a variação do sofrimento psicológico das pessoas além das variáveis sociodemográficas e relacionadas à saúde da COVID-19.

O segundo objetivo do estudo foi verificar quais fatores financeiros são os preditores mais importantes do estresse e sofrimento psicológicos. Embora estudos anteriores tenham estabelecido ligações entre vários fatores financeiros e o estresse psicológico, estes estudos tenderam a analisar cada variável financeira isoladamente, sem analisar simultaneamente a situação financeira (objetiva e subjetiva) e as relações das variáveis de disposição financeira com sintomas de ansiedade e depressão. Portanto, até à data, os estudos não conseguiram determinar a importância relativa de vários fatores financeiros na previsão do estresse, e isto é particularmente importante no contexto da pandemia da COVID-19.

Assim, nossa pesquisa considerou um amplo espectro de fatores financeiros como preditores de estresse durante a pandemia. Analisamos o papel dos fatores financeiros em três níveis, o que nos permitiu responder a três questões de pesquisa: (1) Tomadas em conjunto, as variáveis financeiras podem explicar a variação nos níveis de sintomas de depressão e ansiedade das pessoas além da variação explicada pelos dados sociodemográficos e Fatores relacionados à saúde do COVID-19? (2) Que categoria de fatores financeiros (a situação financeira objetiva das pessoas, a sua situação financeira subjetiva ou as suas disposições financeiras individuais) explica a maior proporção de variação nos sintomas de estresse e sofrimento psicológicos? (3) Quais variáveis financeiras específicas nas três categorias acima mencionadas são os mais fortes preditores de variância nos sintomas do estresse psicológico?

### **3 PLATAFORMA METODOLÓGICA**

#### **3.1 Sujeitos da Pesquisa**

Participaram do estudo 1135 trabalhadores (732 mulheres e 403 homens, com idades compreendidas entre os 18 e os 87 anos;  $M = 38,68$  anos, Estresse Psicológico = 11,59 anos). Dados socioeconômicos mais detalhados para os participantes são apresentados na Tabela 1. Uma análise de sensibilidade usando G\*Power [45] revelou que a amostra forneceu 80% de poder para detectar tamanhos de efeito de  $f^2 = 0,01$  a  $f^2 = 0,02$  (dependendo do modelo testado). Todos os participantes assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguindo as práticas recomendadas com pesquisas em seres humanos, além das observadas na Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD).

#### **3.2 Materiais**

##### **3.2.1 Estresse psicológico**

###### **3.2.2.1 Sintomas de ansiedade**

Os níveis atuais de sintomas de ansiedade dos participantes foram medidos usando uma versão adaptada para o português do *Patient Health Questionnaire (PHQ) Screeners* ([www.phqscreeners.com](http://www.phqscreeners.com)) da escala *General Anxiety Disorder-7 (GAD-7)*. Este questionário de autoavaliação é composto por sete itens que possuem opções de resposta que variam de “nem um pouco” a “quase todos os dias”. As pontuações totais variam de 0 a 21, sendo que pontuações mais altas refletem maior ansiedade. A escala demonstrou apresentar alta confiabilidade no presente estudo, sendo o  $\alpha$  de Cronbach de 0,95.

###### **3.2.2.2 Sintomas de depressão**

Os sintomas de depressão foram medidos por uma versão adaptada do *Patient Health Questionnaire-9 (PHQ-9)* ([www.phqscreeners.com](http://www.phqscreeners.com)). Este questionário de autoavaliação contém nove itens que medem a gravidade dos sintomas de depressão. Cada item é pontuado em uma escala *Likert* de quatro pontos, variando de 0 (nada) a 3 (quase todos os dias). Uma pontuação total é calculada somando as pontuações de todos os itens, com pontuações mais altas refletindo uma maior gravidade da depressão. Um  $\alpha$  de Cronbach de 0,93 revelou alta confiabilidade para o presente estudo.

#### **3.3 Variáveis Financeiras**

Dezesseis variáveis financeiras foram incluídas no estudo. Essas variáveis se enquadraram em três categorias: situação financeira objetiva, situação financeira subjetiva e disposições financeiras individuais.

##### **3.3.1 Variáveis objetivas da situação financeira:**

O rendimento líquido mensal per capita do agregado familiar foi considerado como uma das variáveis objetivas da situação financeira, onde os participantes indicaram o seu rendimento familiar líquido na seguinte escala: 1) inferior a R\$ 1.500; 2) entre R\$ 1.500 e R\$ 3.000; 3) entre R\$ 3.000 e R\$ 4.500; 4) entre R\$ 4.500 e R\$ 6.000; 5) entre R\$ 6.000 e R\$ 10.000; 6) acima de R\$ 10.000.

A posse de poupanças ou investimentos foi medida através de uma pergunta em que os participantes indicavam se tinham atualmente (resposta “sim”) ou não tinham (resposta “não”) poupanças. A poupança de dinheiro antes da pandemia de COVID-19 foi medida através de uma pergunta em que os participantes indicavam se tinham poupado dinheiro durante os últimos seis meses antes da pandemia de COVID-19 (resposta “sim”) ou não (resposta “não”).

Os passivos financeiros (dívidas) foram medidos através de duas questões: uma relativa à detenção de empréstimos/créditos (escalonados como sim/não) e outra relativa ao tamanho dos compromissos mensais relativos a tais empréstimos/créditos (medidos como a percentagem do rendimento familiar mensal alocado à dívida reembolsos e

escalonados da seguinte forma: 1–15%, 16–30%, 46–65%, 66–80%, 81–95% e mais de 95%).

### **3.3.2 Variáveis subjetivas da situação financeira**

Com relação a avaliação subjetiva da situação financeira atual do agregado familiar, os participantes responderam à seguinte pergunta: Como avalia a situação financeira atual do seu agregado familiar? Para responder, deram uma nota numa escala de 1 (muito ruim) a 7 (muito bom).

No que diz respeito à mudança subjetiva na situação financeira do agregado familiar, essa foi medida pedindo aos participantes que façam uma avaliação subjetiva da mudança financeira na situação do seu agregado familiar durante a pandemia da COVID-19 numa escala de 1 (deteriorou-se significativamente) a 7 (melhorou significativamente).

Com relação à segurança financeira, os participantes responderam à seguinte pergunta: Quão seguro financeiramente você se sente hoje? Eles responderam numa escala de 1 (definitivamente inseguro) a 7 (definitivamente seguro). Já com relação à segurança no emprego percebida, os participantes responderam à seguinte pergunta: Na atual situação de pandemia, você pode ter certeza de manter seu emprego? As possíveis respostas eram “sim” e “não”.

### **3.3.3 Disposições financeiras individuais**

O materialismo geral foi medido usando a versão curta da Escala de Valores Materiais desenvolvida (EVM) por Richins e Dawson (1992). A versão curta da EVM é uma medida tridimensional de autorrelato composta por nove afirmações às quais as respostas são dadas numa escala de 1 (definitivamente não) a 5 (definitivamente sim). O instrumento fornece uma pontuação total (materialismo geral) e pontuações em subescalas: centralidade (por exemplo, gosto de muito luxo na minha vida), felicidade (por exemplo, seria mais feliz se pudesse comprar mais coisas) e sucesso. (por exemplo, as coisas que possuo dizem muito sobre como estou me saindo bem na vida). Atualmente, apenas uma pontuação total de materialismo geral foi calculada pela soma das respostas dos participantes a todos os nove itens. Richins (2004) conduziu uma meta-análise de 15 estudos, confirmando assim a confiabilidade e a utilidade empírica do MVS. A confiabilidade do instrumento foi aceitável no presente estudo ( $\alpha$  de Cronbach = 0,83).

A propensão geral para assumir riscos financeiros foi medida usando duas subescalas da escala *Domain-Specific Risk-Taking* (DOSPERT) (Blais & Weber, 2006). Esta escala consiste em 30 afirmações relativas a quatro domínios de risco diferentes: ético, financeiro (dividido em subdomínios de jogos de azar e investimento), saúde/segurança e social. No presente estudo foram utilizadas apenas as duas subescalas financeiras. Cada uma destas subescalas é composta por três itens (por exemplo, apostar o rendimento de um dia em casa de apostas esportivas e investir 5% do seu rendimento anual numa ação muito especulativa). Os participantes foram solicitados a indicar a probabilidade de se envolverem na atividade ou comportamento descrito numa escala de 1 (muito improvável) a 7 (muito provável). Um indicador de propensão geral para assumir riscos financeiros foi calculado como a soma das respostas dadas para todos os seis itens da escala DOSPERT utilizados. Para os presentes dados, a medição apresentou um alto grau de confiabilidade ( $\alpha$  de Cronbach = 0,91).

O otimismo econômico foi medido tanto a nível nacional como familiar, e em relação a períodos curtos (6 meses) e longos (18 meses), utilizando quatro perguntas: Perguntas 1 e 2 feitas aos participantes 1) Como você acha que a situação provocada por a pandemia afetará a situação econômica do país no final deste ano (dezembro de 2020)/no final do próximo ano (dezembro de 2021); 2) em relação à situação econômica antes do início da pandemia? Perguntas 3 e 4 feitas aos participantes : 3) Como você acha



que a situação provocada pela pandemia afetará a situação financeira do seu agregado familiar no final deste ano (dezembro de 2020)/no final do próximo ano (dezembro de 2021); 4) em relação à sua situação financeira antes do início da pandemia? Foi pedido aos participantes que indicassem as suas respostas numa escala de 1 (definitivamente irá deteriorar-se), passando por 4 (permanecerá inalterado) e 7 (definitivamente irá melhorar).

### **3.4 Variáveis relacionadas à saúde da COVID-19**

A experiência com COVID-19 foi utilizada como variável e foi codificada 1 para participantes com experiência de COVID-19 e 0 para participantes sem experiência de COVID-19. A experiência com a doença foi medida por meio de quatro perguntas: 1) *Você está/já foi infectado pelo coronavírus?* 2) *Alguém próximo a você foi diagnosticado com infecção por coronavírus?* 3) *Alguém próximo a você tem ou já teve sintomas de infecção por coronavírus?* 4) *Você está ou esteve sujeito a quarentena domiciliar por suspeita de infecção por coronavírus?* Os participantes foram considerados como tendo experiência com a COVID-19 se respondessem “sim” a pelo menos uma dessas questões.

Os participantes foram colocados em dois grupos, dependendo se tinham uma condição médica que provavelmente os colocaria em risco de desenvolver sintomas graves de COVID-19 se fossem infectados pelo *SARS-CoV-2*. Os participantes que responderam positivamente a pelo menos uma das seguintes questões foram codificados como estando em risco grave: *Você sofre de alguma doença crônica? Você está em terapia imunossupressora ou quimioterapia? Você precisa de cuidados médicos contínuos (por exemplo, durante gravidez, quimioterapia, diálise, etc.)?* Os participantes que não responderam positivamente a nenhuma dessas perguntas foram codificados como não estando em risco grave.

### **3.6 Dados sociodemográficos**

O questionário sociodemográfico coletou dados referentes ao sexo dos participantes (masculino/feminino); idade em anos); local de residência (campo, uma cidade pequena com menos de 20.000 habitantes, uma cidade média de 20.000 a 99.000 habitantes, uma cidade grande de 100.000 a 500.000 habitantes ou uma cidade muito grande com mais de 500.000 habitantes); e o nível de escolaridade mais elevado (ensino primário, ensino médio, ensino superior (graduação) e ensino superior (mestrado ou doutorado).

### **3.7 Procedimentos**

O estudo foi realizado utilizando a metodologia CAWI (*Computer Assisted Web Interviewing*) para coletar dados de membros de um painel online. Os participantes preencheram cada uma das ferramentas de pesquisa mencionadas acima em uma ordem rotativa. Os dados foram recolhidos durante a primeira onda da pandemia de COVID-19 no Brasil, durante o período de 5 a 12 de maio de 2020. Estudos anteriores realizados durante a pandemia de COVID-19 e durante surtos anteriores de doenças infecciosas de alto risco, como a SARS (causada pelo SARS-CoV-1), o Ébola e a gripe H1N1 mostraram que o sofrimento psicológico atinge o seu máximo logo no início de uma pandemia. Ao longo do tempo, e apesar do número crescente de casos de COVID-19, foi demonstrado que o grau em que as pessoas demonstraram preocupação diária com tópicos que envolvem a doença e a pandemia diminuiu, resultando na diminuição das percepções subjetivas de risco.

Assim, a primeira onda da pandemia pareceu ser um ponto apropriado para analisar as consequências a curto prazo da pandemia para a saúde mental das pessoas e para investigar fatores que possam ter uma função protetora ou representar uma ameaça

no que diz respeito à susceptibilidade das pessoas em experimentar sintomas de depressão e ansiedade. A Tabela 1 a seguir sintetiza a estatística descritiva desta pesquisa:

**Tabela 1. Estatísticas descritivas das variáveis socioeconômicas**

Variáveis	Categoria	N (%)
Educação	Ensino Fundamental	79
	Ensino Médio	304
	Ensino Técnico	140
	Ensino Superior (Bacharelado)	149
	Ensino Superior (Mestrado/Doutorado)	463
Local de Residência	Interior	196
	Cidade pequena	130
	Cidade média	263
	Cidade Grande	297
	Metrópole	249
Renda líquida familiar per capita	Inferior a R\$ 1.500	43
	Entre R\$ 1.500 e R\$ 3.000	174
	Entre R\$ 3.000 e R\$ 4.500	285
	Entre R\$ 4.500 e R\$ 6.000	197
	Entre R\$ 6.000 e R\$ 10.000	113
	Acima de R\$ 10.000	165
	Não responderam*	158

\* Tendo em conta os dados sobre salários e inflação na população brasileira, pode presumir-se que aqueles que se recusaram a responder à pergunta sobre o rendimento foram distribuídos uniformemente em cada um dos grupos acima mencionados.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Uma vez que se recusaram a responder a perguntas que medem o rendimento líquido per capita mensal do seu agregado familiar ou o tamanho dos seus compromissos mensais relativos ao reembolso de quaisquer empréstimos/créditos, 138 participantes foram excluídos das análises. Como resultado, foram analisados dados de 977 participantes.

##### 4.1. O papel específico das variáveis financeiras (em geral e quando divididas em três categorias) na explicação do sofrimento psicológico

Análises iniciais de regressão hierárquica foram realizadas para determinar as contribuições específicas das variáveis financeiras na explicação da variância do sofrimento psicológico além das variáveis sociodemográficas e relacionadas à saúde da COVID-19. Outras análises de regressão hierárquica avaliaram as contribuições específicas de cada categoria de variáveis por sua vez (variáveis sociodemográficas e relacionadas à saúde da COVID-19, variáveis financeiras objetivas, variáveis financeiras subjetivas e disposições financeiras individuais) na explicação da variância no estresse psicológico, enquanto todas as outras categorias de variáveis foram controladas. As análises foram conduzidas para sintomas de depressão e sintomas de ansiedade como duas variáveis dependentes separadas.

Primeiramente, foram realizadas duas análises de regressão hierárquica, uma para sintomas de ansiedade e uma para sintomas de depressão como variáveis dependentes. Em ambas as análises, as variáveis independentes foram introduzidas nos seguintes blocos: Bloco 1 – variáveis sociodemográficas (sexo (sendo feminino codificado como 1), idade, local de residência e escolaridade); Bloco 2 — Variáveis relacionadas à saúde da COVID-19 (grupo de risco da COVID-19 (com alto risco codificado como 1) e experiência com a COVID-19 (com experiência codificada como 1)); Bloco 3 — situação financeira objetiva: rendimento líquido mensal per capita do agregado familiar, posse de

poupanças (com posse de poupanças codificadas como 1), poupar dinheiro antes da pandemia de COVID-19 (com ter poupado dinheiro codificado como 1), detenção de empréstimos/créditos (com detenção de dívida codificada como 1), e montante de compromissos mensais relativos a empréstimos/créditos; Bloco 4 – situação financeira subjetiva: avaliação subjetiva da situação financeira atual do agregado familiar, mudança subjetiva na situação financeira, segurança financeira e segurança no emprego percebida; Bloco 5 — disposições financeiras individuais: materialismo, propensão geral para assumir riscos financeiros, otimismo econômico a nível familiar (duas variáveis: otimismo de curto e longo prazo) e otimismo econômico a nível nacional (duas variáveis: otimismo de curto e longo prazo).

A Tabela 2 a seguir apresenta os resultados das análises de regressão hierárquica para as duas variáveis dependentes de sofrimento psíquico e mostra estatísticas cumulativas para todos as variáveis incluídos nos modelos em uma determinada etapa. Estes resultados indicaram que as variáveis financeiras fizeram contribuições estatisticamente significativas para explicar a variância em cada medida de sofrimento psicológico. Com as variáveis sociodemográficas e as variáveis relacionadas com a saúde da COVID-19 já incluídas nos modelos, as variáveis financeiras representaram cerca de 15 pontos percentuais da variância adicional nas pontuações dos sintomas de depressão e ansiedade. Além disso, os resultados mostraram que as disposições financeiras individuais representaram cerca de 10 pontos percentuais de variância adicional nas duas variáveis dependentes, além das variáveis sociodemográficas, variáveis relacionadas à saúde da COVID-19 e situações financeiras objetivas e subjetivas dos participantes.

**Tabela 2. Resultados de duas análises de regressão hierárquica prevendo sofrimento psíquico a partir de categorias de variáveis.**

Variável Dependente	Variável Independente	R	R <sup>2</sup>	R <sup>2</sup> Aj.	R <sup>2</sup> Alt.	F Alt.	F do Modelo
Sintomas de Ansiedade	Sociodemográficas	0,023	0,050	0,046	0,050	12,658***	$F(4, 972) = 12.658$ ***
	Relacionadas à COVID-19	0,254	0,065	0,059	0,015	7,851***	$F(6, 970) = 11.175$ ***
	Situação Financeira Objetiva	0,303	0,092	0,107	0,027	5,820***	$F(11, 965) = 8.892$ ***
	Situação Financeira Subjetiva	0,348	0,121	0,202	0,029	7,960***	$F(15, 961) = 8.832$ ***
	Disposições Financeiras Individuais	0,468	0,219	0,048	0,098	19,353***	$F(21, 955) = 12.756$ ***
Sintomas de Depressão	Sociodemográficas	0,228	0,052	0,060	0,052	13,861***	$F(4, 972) = 13.361$ ***
	Relacionadas à COVID-19	0,256	0,065	0,084	0,013	6,848***	$F(6, 970) = 11.297$ ***
	Situação Financeira Objetiva	0,308	0,095	0,105	0,029	6,262***	$F(11, 965) = 9.176$ ***
	Situação Financeira Subjetiva	0,344	0,119	0,199	0,024	6,517***	$F(15, 961) = 8.620$ ***
	Disposições Financeiras Individuais	0,465	0,217	0,185	0,098	19,911***	$F(21, 955) = 12.573$ ***

\*\*\*  $p < 0.001$ .

Para obter um quadro mais amplo das relações entre as variáveis analisadas, foram realizadas oito análises de regressão hierárquica adicionais nas quais, por sua vez, cada categoria de variável não inserida por último nas duas primeiras análises foi inserida por último para determinar as contribuições específicas que cada categoria de variável fez

para explicar a variação nas duas variáveis dependentes, além das outras categorias. As contribuições específicas das diferentes categorias de variáveis foram as seguintes:

- **variáveis sociodemográficas:** sintomas de ansiedade (alteração de  $R^2 = 0,039$ ,  $p < 0,001$ ); sintomas de depressão (alteração de  $R^2 = 0,045$ ,  $p < 0,001$ ).
- **variáveis relacionadas à saúde da COVID-19:** sintomas de ansiedade (mudança de  $R^2 = 0,009$ ,  $p = 0,003$ ); sintomas de depressão (alteração de  $R^2 = 0,009$ ,  $p = 0,004$ ).
- **variáveis objetivas de situação financeira:** sintomas de ansiedade (mudança de  $R^2 = 0,006$ ,  $p = 0,235$ ); sintomas de depressão (alteração de  $R^2 = 0,005$ ,  $p = 0,308$ ).
- **variáveis subjetivas de situação financeira:** sintomas de ansiedade (alteração de  $R^2 = 0,029$ ,  $p < 0,001$ ); sintomas de depressão (alteração de  $R^2 = 0,027$ ,  $p < 0,001$ ).

A partir dos resultados destas análises, pode-se concluir que, relativamente aos papéis desempenhados pelos outros dois grupos de variáveis financeiras, as disposições financeiras individuais desempenharam o papel mais importante na explicação da extensão dos sintomas de depressão e ansiedade das pessoas (quando sociodemográficos e variáveis relacionadas à saúde e COVID -19 foram controladas).

#### 4.2 Papel específico de cada variável financeira na explicação do sofrimento psicológico

Em seguida, foram realizadas duas análises de regressão *stepwise* para identificar preditores individuais significativos das duas variáveis dependentes de sofrimento psicológico. Aqui, todas as variáveis independentes inseridas nas análises anteriores foram inseridas em um bloco. A Tabela 3 apresenta os modelos finais para cada uma das variáveis dependentes (apenas variáveis independentes significativamente preditivas estão incluídas na tabela; as descrições completas das análises de regressão *stepwise* são apresentadas na Tabela 3 a seguir:

**Tabela 3. Resultados de duas análises de regressão stepwise prevendo sofrimento psicológico a partir de variáveis individuais**

Variáveis Dependentes	Preditores estatisticamente significativos	B	t
Sintomas de ansiedade F(10, 966) = 25,878 *** R <sup>2</sup> = 0,211 R <sup>2</sup> ajustado = 0,203	Materialismo	0,233	7,751***
	Segurança Financeira	-0,134	-3,961***
	Gênero <sup>a</sup>	0,158	5,244***
	Propensão geral para assumir riscos financeiros	0,124	3,885***
	Otimismo econômico (curto prazo) - nacional	0,129	3,945***
	Segurança no trabalho percebida	-0,086	-2,756***
	Agrupamento de risco para COVID-19 grave	0,092	3,162**
	Idade	-0,096	-3,102**
	Otimismo econômico (longo prazo) - familiar	-0,076	-2,289*
	Quantidade de empréstimos	0,062	-2,100*
Sintomas de depressão F(8, 968) = 33,992 *** R <sup>2</sup> = 0,204, R <sup>2</sup> ajustado = 0,198	Materialismo	0,204	6,792***
	Segurança Financeira	-0,185	-5,874***
	Otimismo econômico (curto prazo) - nacional	0,175	5,348***
	Gênero <sup>a</sup>	0,137	4,547***
	Propensão geral para assumir riscos financeiros	0,137	4,301***
	Idade	-0,131	-4,255***
	Agrupamento de risco para COVID-19 grave	0,094	3,211***
	Otimismo econômico (longo prazo) - familiar	-0,103	-3,130**

<sup>a</sup> 1 - feminino, 0 - masculino; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$ .

Oito variáveis financeiras foram identificadas como preditores significativos da gravidade dos sintomas de ansiedade: materialismo, segurança financeira, propensão geral para assumir riscos financeiros, otimismo econômico a curto prazo a nível nacional, otimismo econômico a longo prazo a nível familiar, segurança no emprego percebida e montante dos compromissos mensais relativos aos empréstimos/créditos. A segurança financeira, a percepção da segurança no emprego e o otimismo econômico a longo prazo ao nível do agregado familiar foram preditores negativos, enquanto as outras variáveis foram preditores positivos. Além disso, variáveis não financeiras como idade, sexo e pertencimento ao grupo de pessoas com risco grave de COVID-19 também foram preditores significativos de sintomas de ansiedade, sendo a idade o único preditor negativo.

Seis variáveis econômicas também foram identificadas como preditores significativos da gravidade dos sintomas de depressão. O materialismo, a propensão geral para assumir riscos financeiros e o otimismo econômico de curto prazo a nível nacional foram positivamente preditivos, enquanto a segurança financeira e o otimismo econômico de longo prazo a nível familiar foram negativamente preditivos. Duas variáveis sociodemográficas (sexo e idade) e uma variável relacionada à COVID-19 (pertencente ao grupo de pessoas com risco grave de COVID-19) também foram preditores significativos de sintomas de depressão. Entre estes, apenas a idade foi negativamente preditiva.

#### **4 DISCUSSÕES**

O estudo analisou o papel dos fatores financeiros na explicação do sofrimento psicológico durante a pandemia de COVID-19. Para obter um quadro detalhado, consideramos duas variáveis de desfecho: níveis de depressão e sintomas de ansiedade. No que diz respeito aos fatores financeiros, tivemos em conta uma vasta gama de variáveis em três categorias: a situação financeira objetiva das pessoas, a sua situação financeira subjetiva e as suas disposições financeiras individuais. Esta abordagem aos fatores financeiros permitiu-nos responder a três questões relativas às relações entre variáveis econômicas e sofrimento psicológico: *(1) Tomadas em conjunto, as variáveis financeiras podem explicar a variação nos níveis de depressão e sintomas de ansiedade das pessoas para além da variação explicada pelos fatores sociodemográficos e pelos fatores relacionados à saúde e COVID-19? (2) Qual categoria de fatores financeiros (a situação financeira objetiva das pessoas, sua situação financeira subjetiva ou suas disposições financeiras individuais) explica a maior proporção de variação nos sintomas de estresse e sofrimento psicológico? (3) Quais variáveis financeiras específicas são os preditores mais fortes da variação nos sintomas do estresse psicológico?*

Os resultados obtidos mostraram que as variáveis financeiras contribuíram estatisticamente significativamente para explicar a variância de ambas as variáveis do estresse psicológico relativamente às variáveis sociodemográficas e relacionadas com a saúde da COVID-19. Embora todas as três categorias de variáveis financeiras (situação financeira objetiva, situação financeira subjetiva e disposições financeiras individuais) tenham desempenhado um papel importante na explicação dos sintomas de depressão e ansiedade das pessoas, o papel das disposições financeiras individuais foi identificado como o mais crucial. As disposições financeiras individuais foram responsáveis por cerca de 10% da variabilidade nos sintomas de depressão e ansiedade, além da variância explicada pelas variáveis sociodemográficas e relacionadas à saúde da COVID-19 e pelas situações financeiras objetivas e subjetivas das pessoas, enquanto (quando foram colocadas no último bloco nas análises de regressão hierárquica), as contribuições específicas para explicar a variância em ambos os indicadores de sofrimento psicológico

feitas pelas outras categorias de variáveis financeiras não foram significativas no caso de uma situação financeira objetiva e relativamente pequenas no caso de uma situação financeira subjetiva (2,9% para ansiedade sintomas e 2,7% para sintomas de depressão).

Vale ressaltar que as listas de preditores significativos de sintomas de depressão e ansiedade são quase as mesmas. Embora a atual concepção metodológica não permita fazer inferências causais, níveis mais elevados de materialismo, uma propensão geral para assumir riscos financeiros e o otimismo econômico a curto prazo a nível nacional podem promover sintomas de depressão e ansiedade, enquanto elevados níveis de segurança financeira e o otimismo econômico a longo prazo a nível familiar pode diminuir os sintomas de depressão e ansiedade e, portanto, podem ser fatores de proteção. A segurança no emprego percebida (ter certeza de manter o emprego) e o valor mensal do reembolso do empréstimo/crédito foram os únicos dois preditores que foram significativamente preditivos para a ansiedade, mas não para a depressão, com a segurança no emprego percebida sendo um potencial fator de proteção e os compromissos de reembolso mensal sendo um fator que pode promover ansiedade. Além disso, os papéis das variáveis sociodemográficas e relacionadas à saúde da COVID-19 na explicação da extensão dos sintomas de depressão e ansiedade das pessoas foram semelhantes, sendo a idade um preditor negativo (e um possível fator de proteção) e o sexo feminino e pertencente ao grupo de pessoas estar em risco grave de COVID-19 ser preditores positivos.

A maioria dos resultados predefinidos para variáveis financeiras específicas como preditores de sofrimento psicológico estão em linha com os de estudos anteriores (Cai et al., 2020; Cao et al., 2020; Solomou & Constantinidou, 2020; Lei et al., 2020; Olagoke & Olagoke, 2020). No entanto, dois resultados contradizem estudos anteriores. A primeira está relacionada com a propensão para assumir riscos financeiros. Embora estudos anteriores tenham mostrado uma relação negativa entre a assunção de riscos financeiros e os sintomas de ansiedade (Wilson et al., 2020), descobrimos que uma propensão para a assunção de riscos financeiros é um preditor positivo de estresse psicológico durante a pandemia. Esta inconsistência pode resultar de certos fatores mediadores surgidos durante a pandemia. Por exemplo, as pessoas propensas a assumir riscos financeiros podem ter tomado decisões financeiras arriscadas antes da pandemia (por exemplo, podem ter feito investimentos), que, devido à pandemia, se revelaram não lucrativas ou mesmo financeiramente prejudiciais. Qualquer deterioração na situação financeira das pessoas provavelmente estaria positivamente correlacionada com a intensidade dos sintomas de depressão e ansiedade. É claro que esta explicação é especulativa e é necessária mais investigação que tenha em conta as circunstâncias financeiras mais amplas das pessoas para obter uma melhor compreensão do presente resultado.

O segundo resultado que é inconsistente com pesquisas anteriores diz respeito ao otimismo econômico. Estudos anteriores mostraram que pessoas economicamente mais otimistas experimentam menos estresse e apresentam níveis mais baixos de sintomas de depressão (Wilson et al., 2020). O nosso estudo mostrou que, embora o otimismo econômico a longo prazo a nível familiar fosse negativamente preditivo do estresse, o otimismo econômico a curto prazo a nível nacional era positivamente preditivo do estresse. Os resultados da pesquisa de Xie et al. (2011) sobre o otimismo geral e o estresse durante a pandemia de *SARS-CoV-1* podem explicar este padrão de resultados. Esta investigação mostrou que, embora o otimismo possa estar associado a uma menor estresse psicológico, também está associado a uma maior vigilância relacionada com a pandemia, o que, por sua vez, se traduz em níveis mais elevados de ansiedade. Portanto, pessoas otimistas podem focar mais em uma pandemia e, assim, vivenciar maior sofrimento psicológico. No entanto, é necessária mais investigação para obter uma melhor

compreensão da razão pela qual o otimismo econômico a nível familiar e nacional, e durante diferentes períodos de tempo, está relacionado com o sofrimento psicológico de diferentes maneiras.

Embora os resultados obtidos pareçam promissores, os resultados e métodos atuais têm limitações. A principal limitação da pesquisa é o seu caráter transversal. Os dados obtidos permitiram apenas análises fundamentalmente correlacionais – a pesquisa deveria ser acompanhada de estudos que utilizassem medidas repetidas. Em termos de variáveis relacionadas com a COVID-19, concentrámo-nos nas variáveis de saúde física, mas também valeria a pena controlar as variáveis que podem influenciar a saúde psicológica, por exemplo, a extensão das reduções no contacto social das pessoas e o seu isolamento social. Além disso, em termos de medidas financeiras objetivas, concentrámo-nos no rendimento, nas poupanças e nos passivos financeiros, mas também valeria a pena traçar os efeitos da riqueza e do controlo sobre os bens dos entrevistados.

Vale mencionar, ainda, que a amostra da investigação foi selecionada aleatoriamente e diversificada em termos de género, idade, nível de escolaridade e local de residência; no entanto, a amostra não era totalmente representativa da população brasileira. Isto deve ser levado em conta quando se tenta generalizar os resultados para a população brasileira. Por exemplo, na nossa amostra, 53,9% dos respondentes tinham ensino superior, enquanto, na população brasileira, entre as pessoas que trabalham profissionalmente, esta percentagem é de cerca de 18,6% (dados de 2020). Além disso, a percentagem de mulheres na nossa amostra foi significativamente mais elevada (64,5%) do que a percentagem de mulheres na população brasileira de pessoas que trabalham profissionalmente (51,6%) (IBGE, 2022).

Além disso, deve-se considerar que, em todo o mundo, existem enormes variações culturais entre ocidentais; nações mais individualistas (como o Brasil); e outras culturas mais coletivistas (por exemplo, Coreia, Gana e Nigéria), o que pode, por exemplo, levar a várias reações às mudanças relacionadas com a COVID-19 nas finanças pessoais. Além disso, os países ocidentais diferem significativamente das nações não ocidentais em questões socioeconômicas, tais como desigualdades de rendimento, sistemas de proteção social e benefícios sociais. Isto significa que os nossos resultados podem não ser generalizáveis para outros contextos socioeconômicos, como as sociedades não ocidentais.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo contribui para o estado atual do conhecimento ao mostrar que as variáveis financeiras explicam uma parcela significativa da variação do estresse psicológico, além dos fatores sociodemográficos e relacionados à saúde da COVID-19. O estudo confirmou o papel preditivo de três categorias de fatores financeiros: a situação financeira objetiva das pessoas, a sua situação financeira subjetiva e as disposições financeiras individuais e mostrou que a última categoria é a mais importante. Além disso, o estudo também identificou variáveis financeiras individuais que foram capazes de prever o sofrimento psicológico das pessoas durante a pandemia e mostrou que os papéis das variáveis financeiras são semelhantes na previsão da extensão dos sintomas de depressão e ansiedade das pessoas. O presente estudo descobriu que os sintomas de depressão e ansiedade eram maiores entre pessoas com níveis mais elevados de materialismo e uma maior propensão geral para assumir riscos financeiros e otimismo econômico a curto prazo, enquanto o sofrimento psicológico era menor entre pessoas com níveis mais elevados de segurança financeira e longo prazo. termo otimismo econômico.

O presente estudo fornece, ainda, informações valiosas para indivíduos, terapeutas, psicólogos e formuladores de políticas, revelando a associação entre vários

fatores financeiros (especialmente disposições financeiras individuais, como materialismo, propensão geral para assumir riscos financeiros e otimismo econômico) e sofrimento psicológico durante a eclosão da Pandemia da COVID-19. Por exemplo, os nossos resultados sugerem que a utilização de várias estratégias para diminuir os valores materialistas (como encorajar as pessoas a concentrarem-se mais em valores/objetivos intrínsecos e auto-transcendentes) pode ser útil na redução de problemas de saúde mental durante a pandemia de COVID-19.

## REFERÊNCIAS

- Ahmed, M.Z.; Ahmed, O.; Aibao, Z.; Hanbin, S.; Siyu, L.; Ahmad, A. Epidemic of COVID-19 in China and associated Psychological Problems. *Asian J. Psychiatry* 2020, 51, 102092.
- Bridges, S.; Disney, R. Debt and depression. *J. Health Econ.* 2010, 29, 388–403.
- Cai, X.; Hu, X.; Ekumi, I.O.; Wang, J.; An, Y.; Li, Z.; Yuan, B. Psychological Distress and Its Correlates Among COVID-19 Survivors During Early Convalescence Across Age Groups. *Am. J. Geriatr. Psychiatry* 2020, 28, 1030–1039.
- Cao, W.; Fang, Z.; Hou, G.; Han, M.; Xu, X.; Dong, J.; Zheng, J. The psychological impact of the COVID-19 epidemic on college students in China. *Psychiatry Res.* 2020, 287, 112934.
- Cénat, J.M.; Blais-Rochette, C.; Kokou-Kpolou, C.K.; Noorishad, P.G.; Mukunzi, J.N.; McIntee, S.E.; Dalexis, R.D.; Goulet, M.A.; Labelle, P.R. Prevalence of symptoms of depression, anxiety, insomnia, posttraumatic stress disorder, and psychological distress among populations affected by the COVID-19 pandemic: A systematic review and meta-analysis. *Psychiatry Res.* 2021, 295, 113599.
- Dijkstra-Kersten, S.M.; Biesheuvel-Leliefeld, K.E.; van der Wouden, J.C.; Penninx, B.W.; van Marwijk, H.W. Associations of financial strain and income with depressive and anxiety disorders. *J. Epidemiol. Community Health* 2015, 69, 660–665.
- Ferrie, J.E.; Shipley, M.J.; Stansfeld, S.A.; Smith, G.D.; Marmot, M.; Study, W.I. Future uncertainty and socioeconomic inequalities in health: The Whitehall II study. *Soc. Sci Med.* 2003, 57, 637–646.
- Fitch, C.; Hamilton, S.; Bassett, P.; Davey, R. The Relationship between Personal Debt and Mental Health: A Systematic Review. *Ment. Health Rev. Brighton* 2011, 16, 153–166.
- Gardner, J.; Oswald, A.J. Money and mental wellbeing: A longitudinal study of medium-sized lottery wins. *J. Health Econ.* 2007, 26, 49–60.
- Horwitz, A.V. Distinguishing distress from disorder as psychological outcomes of stressful social arrangements. *Health London.* 2007, 11, 273–289.
- Jenkins, R.; Bhugra, D.; Bebbington, P.; Brugha, T.; Farrell, M.; Coid, J.; Fryers, T.; Weich, S.; Singleton, N.; Meltzer, H. Debt, income and mental disorder in the general population. *Psychol. Med.* 2008, 38, 1485–1493.
- Kahle, L.R.; Shoham, A.; Rose, G.; Smith, M.; Batra, R. Economic versus Personal Future-Oriented Attitudes as Consumer Shopping Indicators. *J. Euro Mark.* 2003, 12, 35–54.
- Kessler, R.C. A disaggregation of the relationship between socioeconomic status and psychological distress. *Am. Sociol. Rev.* 1982, 47, 752–764.
- Lei, L.; Huang, X.; Zhang, S.; Yang, J.; Yang, L.; Xu, M. Comparison of Prevalence and Associated Factors of Anxiety and Depression Among People Affected by versus



- People Unaffected by Quarantine During the COVID-19 Epidemic in Southwestern China. *Med. Sci. Monit.* 2020, 26, e924609.
- Lieberoth, A.; Lin, S.Y.; Stöckli, S.; Han, H.; Kowal, M.; Gelpi, R.; Chrona, S.; Tran, T.P.; Jeftić, A.; Rasmussen, J.; et al. Stress and worry in the 2020 coronavirus pandemic: Relationships to trust and compliance with preventive measures across 48 countries in the COVIDiSTRESS global survey. *R. Soc. Open Sci.* 2021, 8, 200589.
- Link, B.G.; Lennon, M.C.; Dohrenwend, B.P. Socioeconomic Status and Depression: The Role of Occupations Involving Direction, Control, and Planning. *Am. J. Sociol.* 1993, 98, 1351–1387.
- Lorant, V.; Croux, C.; Weich, S.; Deliège, D.; Mackenbach, J.; Anseau, M. Depression and socio-economic risk factors: 7-year longitudinal population study. *Br. J. Psychiatry* 2007, 190, 293–298.
- Maner, J.K.; Schmidt, N.B. The role of risk avoidance in anxiety. *Behavioral* 2006, 37, 181–189.
- Orpana, H.M.; Lemyre, L.; Gravel, R. Income and psychological distress: The role of the social environment. *Health Rep.* 2009, 20, 21–28.
- Richins, M.L.; Dawson, S. A Consumer Values Orientation for Materialism and Its Measurement: Scale Development and Validation. *J. Consum. Res.* 1992, 19, 303–316.
- Ritchie, H.; Ortiz-Ospina, E.; Beltekian, D.; Mathieu, E.; Hasell, J.; Macdonald, B.; Giattino, C.; Appel, C.; Rodés-Guirao, L.; Roser, M. Coronavirus Pandemic (COVID-19).
- Solomou, I.; Constantinidou, F. Prevalence and Predictors of Anxiety and Depression Symptoms during the COVID-19 Pandemic and Compliance with Precautionary Measures: Age and Sex Matter. *Int. J. Environ. Res. Public Health* 2020, 17, 4924.
- Wang, Y.; Kala, M.P.; Jafar, T.H. Factors associated with psychological distress during the coronavirus disease 2019 (COVID-19) pandemic on the predominantly general population: A systematic review and meta-analysis. *PLoS ONE* 2020, 15, e0244630.
- Wilson, J.M.; Lee, J.; Fitzgerald, H.N.; Oosterhoff, B.; Sevi, B.; Shook, N.J. Job Insecurity and Financial Concern During the COVID-19 Pandemic Are Associated With Worse Mental Health. *J. Occup. Environ. Med.* 2020, 62, 686–691.
- Wildman, J. Income related inequalities in mental health in Great Britain: Analysing the causes of health inequality over time. *J. Health Econ.* 2003, 22, 295–312.